

## ENTREVISTA COM NOBUYOSHI ARAKI

Arturo Escandón

Araki é um felino. O cabelo um pouco grisalho que nasce deixando a fronte descoberta, penteia-o para trás e para cima, dando uma aparência de duas orelhas pontiagudas de gato, desses mesmos que aparecem em suas fotografias em momentos solenes ou na descrição de um Japão impenitentemente apaixonado por esses felinos domésticos, animais de augúrios e múltiplas vidas.

Sentado sobre uma mesa de caroba do bar Rouge, no movimentado bairro tókioita de Shinjuku, Araki solta umas gargalhadas de boas-vindas enquanto bebe um *mizuwari*, um uísque com soda, como é chamado no Japão. Veste uma camiseta perturbadoramente rosada com um desenho de si mesmo estampado no peito. Explica-me que vem trabalhando numa obra já há sete anos e que talvez demore outros três para terminar. Trata-se de “As cem faces do Japão”, um estudo demográfico da fisionomia do povo japonês que o mantém ocupado por todo o país. É uma obra que o conecta com um passado de exímios fotógrafos documentaristas.

Gostaria de saber de Araki se ele faz parte dessa linhagem de fotógrafos japoneses lançados por Renjo Shimooka; se conserva essa relação esotérica entre mestre e discípulo que mantém raízes no Japão e no Oriente em geral e que marca muitas vezes todo o aprendizado de uma profissão. "Apesar de que conheço a Shimooka como o pai da fotografia japonesa, minha obra deve-se mais a Yasuzo Nomura, *Kozo*", comenta Araki. "É ele que começa a fazer no feminino, portanto, sinto-me mais herdeiro de sua obra do que da de qualquer outro precursor da fotografia japonesa".

O corpo feminino é uma de suas obsessões. Nas fotografias dedicadas ao corpo humano ou à sexualidade, Araki cria sempre uma atmosfera de realismo fantástico. Intervém no profilmico, manipulando espontaneamente o sujeito fotográfico; amarra seus modelos; descarrega flashes no primeiro plano; põe répteis de borracha em cena, sinais ou marcas de vaidade, como as caveiras

da pintura barroca; ou, inclusive, manipula o negativo. Não é possível determinar bem se critica a indústria pornográfica japonesa ou persegue uma finalidade estética mais profunda. "A verdade é que o objetivo é outro. Meu desejo é documentar minha relação com as mulheres, capturar inclusive nossos sentimentos. Isso é muito difícil, se não impossível de conseguir, mas esse é o objetivo. Interessa-me mostrar o tempo que passamos juntos, nossas vivências, nossas ações. A relação é de colaboração. Tudo isso tento deixar transparecer nas minhas fotografias. É necessário tato. Inclusive uma forma de tato mental. A relação íntima que estabeleço com meus sujeitos fotográficos é a base de tudo".

Araki pega um livro de fotografias. Trata-se de "Hachigatsu-no koibito" ("L'amant d'août"), ou seja, "a amante de agosto", um de seus trabalhos mais recentes em colaboração com a desenhista Komari. Abre-o e me mostra uma cena magnífica na alcova em preto e branco. Komari aparece sobre os lençóis numa atitude sensual e de entrega total. "Esta série de fotografias fiz em agosto de 2001 em Nova York. O realismo presente deve-se a que Komari e eu trabalhamos juntos durante muitíssimos dias. É uma relação de colaboração muito profunda em que nós dois compartilhamos sentimentos. Isso é algo impossível de conseguir na fotografia comercial, aquela que tende a fotografar estrelas e ídolos dos meios massivos de comunicação num prazo muito curto ditado pelos produtores. A mulher-produto não entra neste tipo de relação profunda na fotografia comercial. O aparelho produtivo o impede. Não se deleita nem do sexo nem da exploração pessoal do corpo".

A fotografia de perspectiva renascentista somente é possível materialmente graças ao vazio da câmara escura e do olho humano. Comento a Araki que este vazio (olho, câmara, útero) parece-me obsceno, muito longe da aparente distância ascética do documental. Araki reconhece esse fato. Disse em várias oportunidades que fotografar é assassinar, um ato impudico por excelência. Sua obsessão pela obscenidade é comparável à estética freudiana de Roland Barthes. "É verdade", afirma. "A fotografia é obscena. Fazer fotografias, olhar, olhar o objeto do desejo, admirar o amado, são ações intrinsecamente obscenas que estão nos fundamentos da fotografia. Não é que me debruce especialmente nesses temas, porque é algo natural. É algo que nasce naturalmente".

Segundo o crítico brasileiro Fernando de Tacca, o trabalho mais bonito e poético de Araki está relacionado com a morte. Em "Sentimentarunatabifuyu-no tabi" ("Sentimental Journey"), isto é, "jornada sentimental", o álbum em que se documentam os últimos dias de vida e a morte de sua esposa, no final da narração um gato ocupa o papel protagonista, inclusive parece trazer a presença física de sua mulher. Pergunto-lhe se ele se identifica com o budismo zen, cuja doutrina defende, em que a existência individual é equivalente a um todo universal. "Me comentaram muitas vezes que minha obra tem reminiscências budistas, mas na verdade não sou um estudioso do budismo. Meus antepassados e, por extensão, eu mesmo, somos budistas, mas nunca o estudei seriamente. Sim, coincido com o budismo no sentido de que quando faço boas fotografias sinto que a vida e a morte se unem, se sucedem até superpor-se. A vida na morte e a morte na vida, são momentos idênticos". Araki faz a continuação, um jogo de palavras em japonês muito criativo, jocoso: "Sempre digo que pertenço à seita Jodo Shashin-shû". Na verdade o nome da seita é Jodo Shin-shû ("A nova seita da Terra Pura"), mas Araki intercala a palavra "fotografia", que em japonês se diz "shashin", ou seja, a seita da Nova Fotografia Jodo. Ri muito e eu com ele. Como bom japonês, Araki é um especialista em trocadilhos e frases curtas de alta concentração semântica.

Continuando a narração, Araki baixa o tom da voz. Começa a descrever as últimas cenas de "Sentimental Journey" como se fosse uma confissão. "Depois que os médicos prognosticaram meio ano de vida à minha mulher, ela voltou para casa. Meu mundo e o tempo detiveram-se por completo. Estava paralisado. No dia de sua morte nevava e senti como se o tempo tivesse se congelado. Fazia muito frio. Abri a janela e o gato Chiro-chan saiu para fora. Repentinamente Chiro-chan começou a mover-se. Era uma mostra palpável de vida que pôs um fim a essa atmosfera de pesar que me abrumava. Chiro-chan foi-me de muita ajuda. O gato e eu nos comunicamos. Saltou inconscientemente e eu, também de maneira involuntária, comecei a fotografá-lo. O gato, ou minha mulher, queriam dizer-me que voltasse à vida, que podia permanecer na morte. Creio que estes sentimentos estão bem refletidos na obra, daí, seu poder. "Sentimental Journey" é minha obra culminante. Depois dela, não existe outra. Quando se sofre a perda de um ser amado, a morte dá-nos um poder, revitaliza. É como se

recebêssemos o poder da vida e da morte. A morte, por conseguinte, é uma coisa formosa. Quando se aproxima a morte, também se aproxima a beleza".

Em Janeiro de 1955, a revista *ArtForum* publicou uma entrevista que fiz-lhe a fotógrafa estadunidense Nan Goldin. Perguntei-lhe se trabalhou com ela de outra forma, sabendo que Goldin é outro dos luminares mundiais da fotografia autobiográfica. "Não, nunca mais", disse-me. "O problema com Goldin é que morreram de AIDS todos os seus amigos. Acho que já não tem contatos íntimos para servir de base para suas fotografias. Vi as fotografias que fez depois do seu apogeu e penso que perdeu muita força. Já não tem o impacto de antes. Se não existem contatos íntimos, as obras não têm força. Na minha opinião, a fotografia é uma forma de vida e, como tal, deve superar a realidade, deve ser mais interessante que a realidade, pois o que me proponho é infundir vida nos espectadores, mudar suas próprias vidas, conduzir para novas experiências. A fotografia nem é nem pode ser passiva".

Mais além do tom biográfico, se existe algo que diferencia a vasta obra de Araki da de outros fotógrafos, é precisamente sua concepção industrial reprodutiva da fotografia. Araki é uma verdadeira fábrica de imagens: privilegia o livro de fotos mais do que a exposição de uns poucos exemplares bem trabalhados. Pergunto-lhe sobre a origem dessa tendência. "Tudo parte de um desejo de mostrar a obra de acordo como vou fazendo", responde. "Acho que em fotografia o importante é a rapidez. Na década dos anos setenta, cada mês, eu mesmo fazia muitos exemplares das minhas fotografias. A reprodução com foto-copiadoras Xerox, fazia da mesma forma, muitíssimas fotografias. Todos os dias fazia fotografias. Naquela época, quando fotografava uma mulher, usava três ou quatro câmaras diferentes, de diferentes tamanhos. Em dois meses completava um grande número de fotos. Dessa maneira, nunca me faltava material para publicar. Minha intenção é publicar um livro de fotos por mês. Gosto de publicar e quero fazê-lo o mais rápido possível".

Com o propósito de confirmar que não mudou seus métodos, Araki me mostra "Kyônen" ("o ano passado"), uma rigorosa cronografia do ano 2001 publicada há poucas semanas. As fotos vêm datadas automaticamente, usando o dispositivo da câmara que superpõe datas. Algumas fotografias de Komari de

agosto estão incluídas na seleção na ordem cronológica correspondente. É o gosto taxinômico de Araki: um verdadeiro banco de imagens. Abre o livro em uma fotografia datada do dia 26 de abril. Disse-me que a modelo, que posa nua diante da barra, é a garçonete de um bar-karaokê muito particular. Convida-me a conhecê-la e, de passagem, cantar algumas músicas. Concluimos a entrevista. Araki dá uns autógrafos para uma moça que veio de Kioto para vê-lo e não esconde sua intenção de posar para ele. A moça tem consigo um “monigote”, ou seja, um títere de plástico de Araki pendurado num cordão: é um dos produtos de consumo massivo do mestre, um objeto já de culto. Araki acaba autografando o boneco. Põe a jaqueta. Saímos do bar Rouge em direção ao centro de Shinjuku e para a noite tokiota.

Arturo Escandón

Tóquio, 24 de abril de 2002

Tradução do espanhol: Siloé Amorim

## Introdução à galeria

Fernando de Tacca

### **Nobuyoshi Araki**

Entre 1996 e 1997, Nobuyoshi Araki publicou somente no Japão uma coleção intitulada "*The Works of Nobuyoshi Araki*", Heibonsha Limited Publishers, em vinte volumes, na qual percorre toda sua carreira artística e mostra sua obsessão fotográfica, alimento diário de sua alma, com uma avalanche de mais de 5000 fotografias. Nessa coleção temos acesso ao conjunto mais significativo de sua extensa obra, com as características que o tornaram um ídolo pop da cultura de massa japonesa, sendo reconhecido nas ruas e assediado por garotas com desejos de serem por ele fotografadas.

Araki é uma síntese da fotografia japonesa: retrata desde seu gato de estimação até o próprio ato sexual com a mulher, já falecida, e para a qual dedica um volume inteiro da coleção, mostrando cronologicamente os dias que antecedem sua morte, com as respectivas datas impressas nas fotografias; faz ensaios com adolescentes; fotografa a noite e suas erotizações, com relações envolventes com prostitutas; erotiza a natureza; amarra e pendura suas modelos; denuncia com fortes cenas a situação da mulher no Japão; pinta suas fotografias como uma referência à tradicional fotografia japonesa nos seus primeiros momentos na segunda metade do século XIX; fotografa de todas as formas, com grande e médio formato, com câmaras amadoras e com flash estourando o primeiro plano; em suma, vive diariamente para a fotografia e tudo é aproveitável para publicação, tudo que fotografa torna-se mercadoria simbólica para o imaginário japonês.

Para aqueles que colecionaram todos os vinte volumes foi enviado via correio, como brinde surpresa, um pequeno livreto com suas primeiras imagens feitas no começo da década de sessenta, quando era estudante de engenharia e ainda um fotógrafo amador. As fotografias desse pequeno livro foram realizadas com filmes vencidos e mostram as crianças de sua rua.

## Galeria

Estas 86 imagens foram seleccionadas nos 20 + 1 volumes referidos na introdução à galeria.

Os dois primeiros algarismos do nome de cada arquivo referem-se ao volume onde a imagem foi publicada.



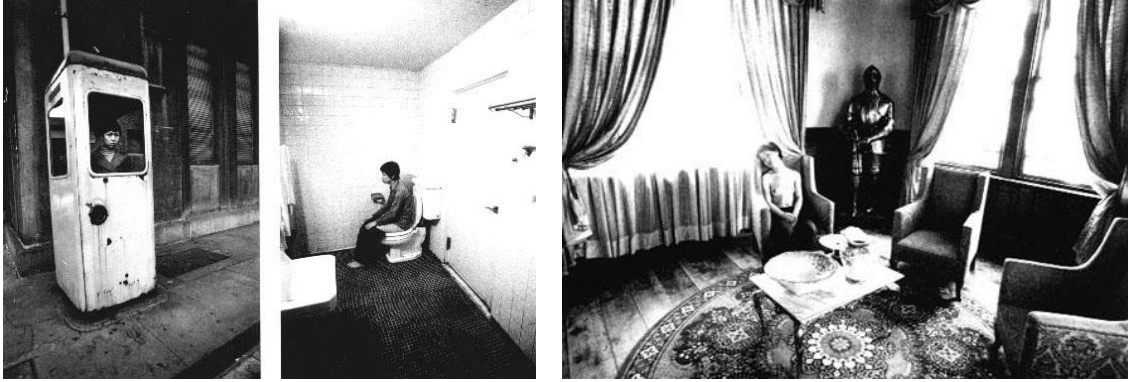
The Works of Nobuyoshi Araki - vol 1 : Naked faces



The Works of Nobuyoshi Araki - vol 2 : Bodyscapes



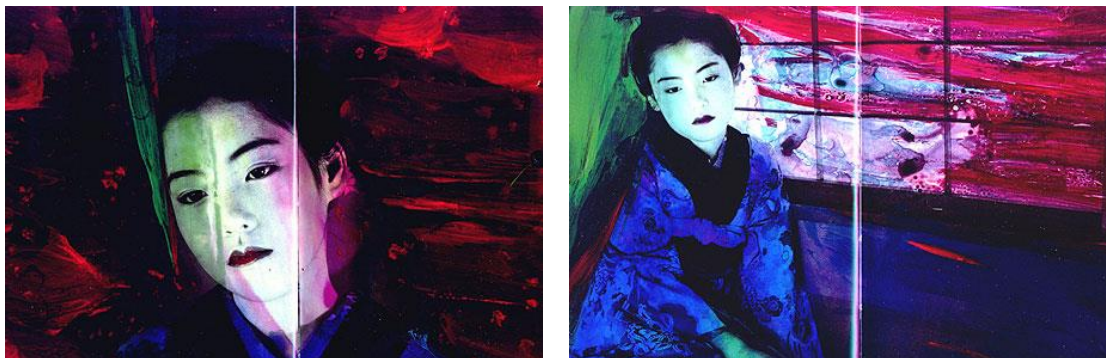




The Works of Nobuyoshi Araki - vol 3 : Yoko



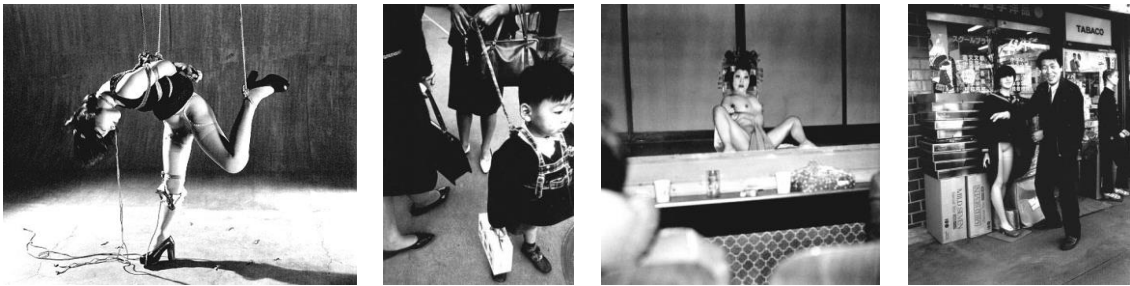
The Works of Nobuyoshi Araki - vol 4 : New York



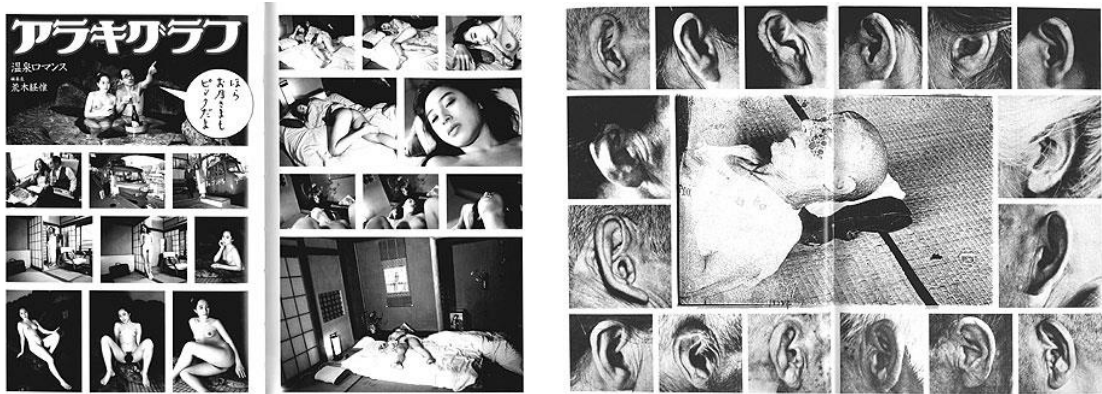




The Works of Nobuyoshi Araki - vol 5 : Chrysalis



The Works of Nobuyoshi Araki - vol 6 : Tokyo novel



The Works of Nobuyoshi Araki - vol 7 : Sentimental Travelogue

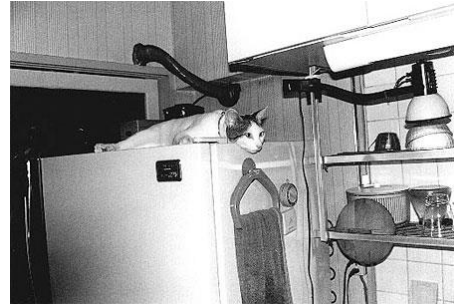


The Works of Nobuyoshi Araki - vol 8 : Private Diary 1980-1995





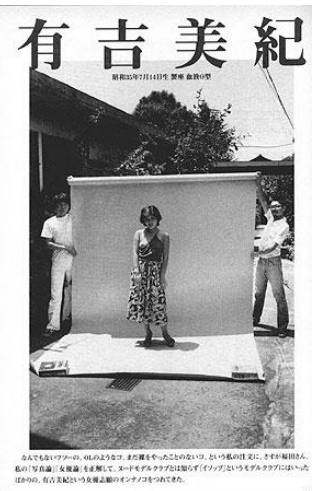
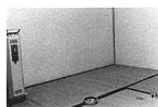
The Works of Nobuyoshi Araki - vol 9 : Private Diary 1999



The Works of Nobuyoshi Araki - vol 10 : Chiro, Araki and 2 Lovers



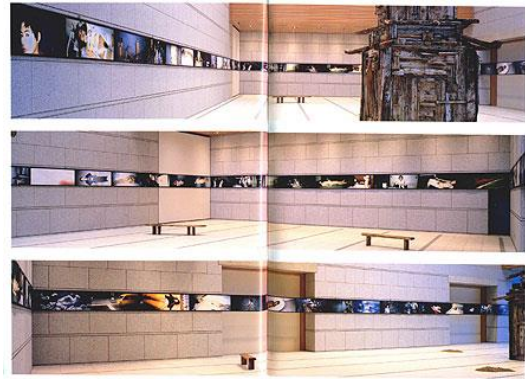
The Works of Nobuyoshi Araki - vol 11 : In Ruins



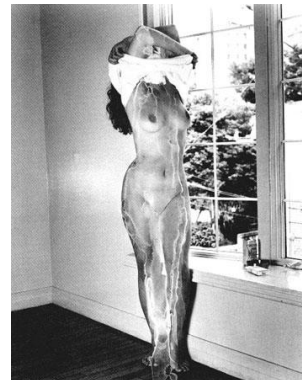
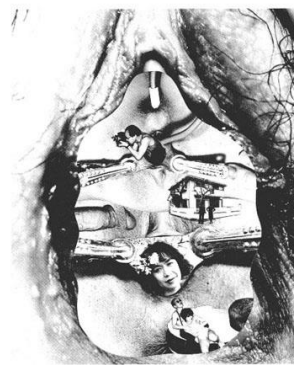
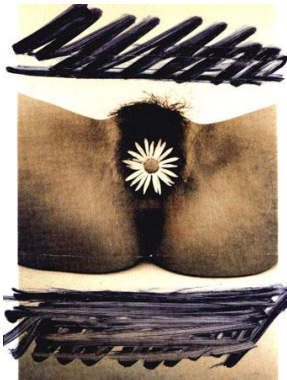
受け止めたのは、横田基地でのパチンコに行き、行きずりの友人と、寝た。名前が、ハロー・マイケル。27歳。久しぶりの友人とのセックスのせいもあるが、真面目に惚れた。そして、她、今までそんなことしてないやん、元気で来たのよ、と、半年でまたのど、健康な目の娘、娘はハロー・マイケルに打ち惚けた。マイケルは、映画で女優に11回ほど打撲ることもあった。そのまぶらぐてこなかった。マイケルにも、米岡に愛子がいたのである。

The Works of Nobuyoshi Araki - vol 12 : Dramatic Shooting and Fake Reportage





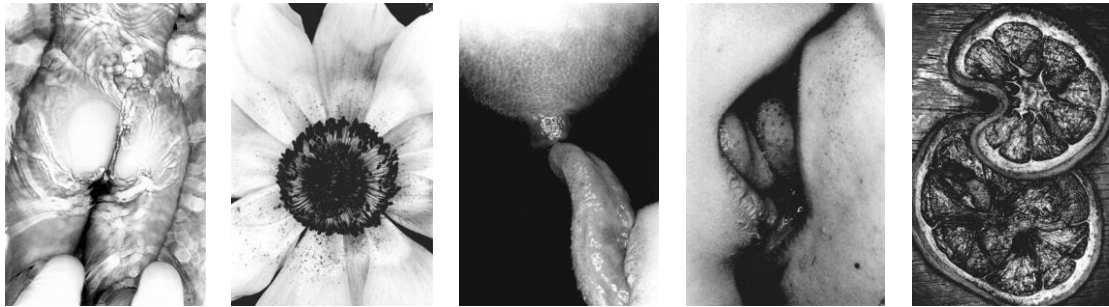
The Works of Nobuyoshi Araki - vol 13 : Xeroxed Photo Albums



The Works of Nobuyoshi Araki - vol 14 : Obsenities and Strange Black Ink Stories



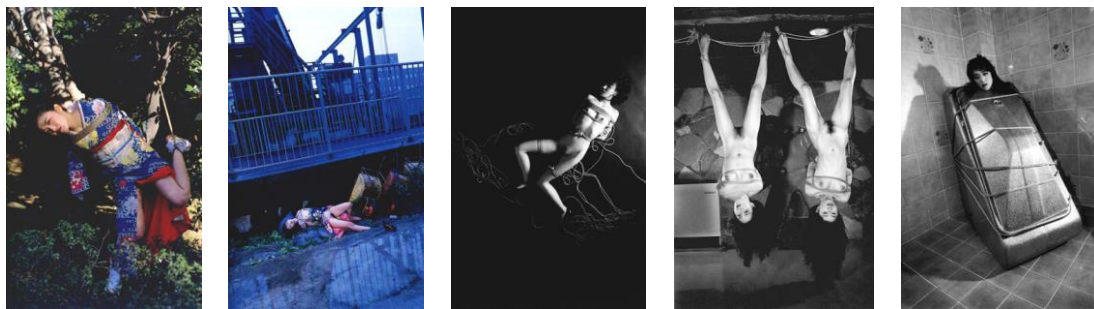
The Works of Nobuyoshi Araki - vol 15 : Death Elegy



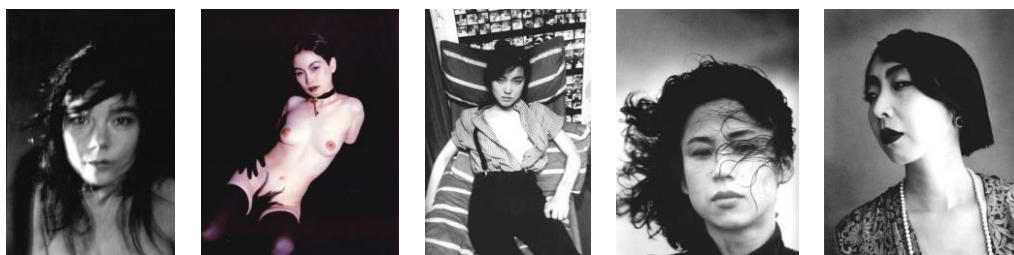
The Works of Nobuyoshi Araki - vol 16 : Erotos



The Works of Nobuyoshi Araki - vol 17 : Sensual Flowers



The Works of Nobuyoshi Araki - vol 18 : Bondage



The Works of Nobuyoshi Araki - vol 19 : A's lovers





The Works of Nobuyoshi Araki - vol 20 : Sentimental May



The Works of Nobuyoshi Araki - vol 21 : livro brinde